

## REFLEXÕES SOBRE MUSEOLOGIA: DOCUMENTAÇÃO EM MUSEUS OU MUSEOLÓGICA?

*REFLEXIONS ABOUT MUSEOLOGY: MUSEUM DOCUMENTATION OR MUSEOLOGICAL DOCUMENTATION?*

Luciana Menezes de Carvalho<sup>146</sup>

Tereza Scheiner<sup>147</sup>

**Resumo:** Pensar o campo da Museologia tem sido um esforço raro entre os profissionais de museus e mesmo entre os teóricos de outros campos. A maioria dos teóricos, ao pensar em como esta disciplina se constituiu, tem traçado um paralelo com o que delineia como objeto de estudo – e muitas vezes, este objeto de estudo é especificado como o fenômeno social *Museum*. O presente trabalho buscou, tomando como base teórica contribuições de Bourdieu para análise do campo científico/erudito, refletir sobre a dificuldade de delinear, efetivamente, o que venha a ser Museologia, se esta for posta enquanto campo disciplinar. Essa dificuldade se reflete em confusão sobre o significado do termo museológico. As reflexões apresentadas, de orientação teórico-documental, debruçam-se sobre os seguintes objetivos: abordar as diferenças conceituais entre documentação museológica e documentação em museus, visando apresentar subsídios para o estudo do campo da Museologia; refletir sobre as contribuições de Bourdieu para a compreensão de um campo “erudito” – de caráter científico e contribuições sobre Linguagem de Especialidade; apresentar os conceitos de documentação, documentação em museus e documentação museológica, os dois últimos usados como sinônimos; e discorrer, brevemente, sobre a constituição da Museologia enquanto campo do conhecimento.

**Palavras-chave:** Museologia. Campo Científico. Campo Erudito. Documentação museológica. Documentação em museus. .

**Abstract:** To think about Museology as a field has been a rare effort among museum professionals and theorists from other fields. Most theorists, when thinking on how such discipline may have been constituted, have traced a parallel with what has been designed as its object of study - frequently specified as the social phenomenon *Museum*. The present work tries to reflect on the difficulty of delineating what is Museology if considered a disciplinary field, using as theoretical basis the contribution of Bourdieu to the analysis of the scientific/erudite field. Such difficulty is reflected in the confusion about the significance of the term museological. The thoughts presented in this work, with theoretical-documenting orientation, consider the following objectives: approach of the conceptual differences between museological documentation and museum documentation, aiming at presenting subsidies for the study of the Museology field; analysis of the contributions of Bourdieu for the understanding of an 'erudite field' of scientific scope, and of the contributions on the Language of Specialty; comment about the concepts of documentation, documentation in

---

<sup>146</sup> Mestre e Doutoranda em Museologia e Patrimônio (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO / Museu de Astronomia e Ciências Afins - MAST). Diretora do Museu da Memória e Patrimônio da Universidade Federal de Alfenas, Minas Gerais.

<sup>147</sup> Doutora em Comunicação e Cultura (Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ), Professora e Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO / Museu de Astronomia e Ciências Afins - MAST), Rio de Janeiro.

museums and museological documentation - the last two used as synonyms; and a brief comment about the constitution of Museology as a field of knowledge.

**Keywords:** Museum. Museology. Scientific Field. Erudite Field. Museological Documentation. Museum Documentation.

“[...] até as categorias mais abstratas, apesar de sua validade – precisamente por causa de sua natureza abstrata – para todas as épocas, são, contudo, no que há de determinado nesta abstração, do mesmo modo o produto de condições históricas, e não possuem plena validade senão para estas condições e dentro dos limites destas mesmas condições.”  
Karl Marx.

## 1 INTRODUÇÃO

Quando um teórico delinea um termo, esse visa legitimar um espaço em um determinado campo, além de fortalecê-lo. Ao criar termos específicos seu objetivo não é falar para o público externo, e sim para os seus pares. Quando seus pares refletem sobre os termos de seu campo, mesmo que para refutá-los ou aprimorá-los, nada mais estão fazendo que legitimar seu próprio campo de estudo e, de fato, só fortalecem os autores primeiros. Pensar o campo da Museologia tem sido um esforço raro entre os profissionais de museus e mesmo entre os teóricos de outros campos. A maioria dos teóricos, ao pensar em como esta disciplina se constituiu, tem traçado um paralelo com o que delinea como objeto de estudo – na maioria das vezes, este objeto de estudo é especificado como o fenômeno social Museu. O presente trabalho buscou, tomando como base teórica contribuições de Bourdieu para análise do campo científico/erudito, refletir sobre a dificuldade de delinear, efetivamente, o que venha a ser Museologia, se essa for posta enquanto campo disciplinar. Essa dificuldade se reflete em confusão sobre o significado do termo museológico.

As reflexões apresentadas no presente trabalho, de orientação teórico-documental<sup>148</sup>, debruçam-se sobre os seguintes objetivos: abordar as diferenças conceituais entre documentação museológica e documentação em museus, visando apresentar subsídios para o estudo do campo da Museologia; refletir sobre as contribuições de Bourdieu para a compreensão de um campo erudito – de caráter científico e contribuições sobre Linguagem de Especialidade; apresentar os conceitos de documentação, documentação em museus e documentação museológica, os dois últimos usados como sinônimos; e discorrer, brevemente, sobre a constituição da Museologia enquanto campo do conhecimento.

---

<sup>148</sup> Essa investigação é fruto da pesquisa-tese por ora intitulada “Por uma específica relação entre o Humano e o Real: Museologia e suas definições em disputa”, cuja discussão sobre os termos documentação museológica e documentação em museus foi estimulada no âmbito da disciplina “Museologia, Patrimônio, Documentação e Informação”, do Curso de Doutorado em Museologia e Patrimônio, cumprida no segundo semestre de 2013.

Como suporte metodológico, fez-se uso de abordagens interligadas: partindo do instrumento de análise teórico-conceitual de Pierre Bourdieu, que contribuiu para as Ciências em geral e para as Ciências Sociais e Humanas em particular com suas ideias sobre como essas se constituem e se configuram. O objetivo aqui não foi utilizar Bourdieu para legitimar mais um discurso, mas apontar algumas questões internas do próprio campo da Museologia. Como diria Braga “[...] a autonomia do campo científico e as lutas internas a ele podem produzir situações de surpresa para os produtores, que vêem seus produtos científicos utilizados de forma diversa à que estes produtores haviam imaginado” (BRAGA, 2004, p. 68). A partir das contribuições de Bourdieu, realizou-se uma análise de conteúdo em textos de autores importantes para o pensamento teórico da Museologia, como Stránský, Nestupný, Gregorová e Desvallées; e de autores da Museologia e áreas correlatas que trabalham ou apresentam definições de documentação, tais como Lima, Pinheiro, Van Mensch, Ferrez, entre outros. Foram ainda utilizados conteúdos pesquisados em documentos do CIDOC - Comitê Internacional para Documentação em Museus, do ICOM – Conselho Internacional de Museus.

As considerações finais apontam para uma perspectiva onde o conjunto de diferentes correntes e noções observáveis (sobre um objeto específico de estudo) é de suma importância para a consolidação da Museologia enquanto campo científico. Ainda, a diferenciação correta dos termos documentação em museus e documentação museológica poderá ajudar a compreender os limites entre a Museologia e seu possível objeto de estudo: o Museu.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA – BOURDIEU E A ANÁLISE DO CAMPO CIENTÍFICO/ERUDITO**

Ao longo de seus estudos, Bourdieu procura desconstruir o modo como os trabalhos acadêmicos e pesquisas vêm sendo conduzidos, principalmente no âmbito das Ciências Sociais, propondo delinear como se processa o trabalho de pesquisa. Para tal trabalho, afirma que é necessário “pensar relacionalmente” (BOURDIEU, 2007, p.23), considerando as diferentes realidades e evitando, ao máximo, os objetos pré-construídos – frutos do senso comum e, inclusive, do meio acadêmico – “senso douto” (BOURDIEU, 2007, p.43). Em relação a estes, faz-se necessário também estabelecer rupturas, considerando que os próprios objetos/problemas das Ciências Sociais são socialmente construídos, e que tais rupturas, além de epistemológicas, são sociais – rupturas com “crenças de um grupo” (BOURDIEU, 2007, p.38-39), mesmo que este seja o de profissionais deste campo. Afinal, para Bourdieu, deve-se

evitar “as aparências de cientificidade”, contrariando normas e os presentes critérios correntes de rigor científico (BOURDIEU, 2000, p.46).

Entendendo, portanto, que os objetos de estudo de um campo são meras construções sociais, o próprio objeto de pesquisa também deve ser “conquistado, construído e constatado” (BOURDIEU, 2000, p.73) - por meio de determinado recorte da realidade feito de forma clara e explicitamente elaborada. Esse objeto deve ser posto à prova a todo o momento, isto é, constatado de forma sistemática (BOURDIEU, 2013). Bourdieu defende que não basta romper somente com o senso comum e com o senso douto<sup>149</sup>: é preciso romper com a própria ruptura e seus instrumentos, que impedem a experiência, a qual por sua vez também precisa encontrar seu lugar de consolidação. É necessário encontrar o equilíbrio entre o que está em voga e o movimento de inovação do conhecimento e tal renovação acontece a partir de uma “conversão do olhar” (BOURDIEU, 2007, p.49), isto é, um “novo olhar” (BOURDIEU, 2007, p.49), uma revolução mental e uma mudança de toda a visão do mundo social – uma ruptura epistemológica, pondo em suspensão as pré-construções (BOURDIEU, 2000).

No processo de construção de dado objeto, Bourdieu orienta e reforça que o objeto precisa ser colocado em função de uma problemática teórica e submetido a uma investigação sistemática – não só o objeto, mas também os aspectos de realidade que o contextualizam. O processo de investigação e construção de um objeto de pesquisa não é simples: “não há nada mais enganador do que a simplicidade aparente do procedimento científico” (DEWEY, apud BOURDIEU, 2000, p.61). Em suma, a pesquisa deve ser feita em um contínuo movimento de construção e ruptura, seguindo, entretanto, uma linha condutora de pensamento.

A construção de objeto se dá inserida em um sistema de produção e circulação de bens simbólicos, definido por Bourdieu como “o sistema de relações objetivas entre diferentes instâncias” definidas pela função que exercem “na divisão do trabalho de produção, de reprodução e de difusão de bens simbólicos” (1982, p.105). Este campo de produção de bens simbólicos se constitui na oposição entre o campo de produção erudita e o campo da indústria cultural - o primeiro, estabelecendo suas normas de produção e os critérios de avaliação dos seus produtos, enquanto o segundo segue as regras estabelecidas pela concorrência (BOURDIEU, 1982, p. 105). No entanto, no campo erudito não há total ausência de uma lei

---

<sup>149</sup> Para romper com o senso comum fazem-se necessárias as “destruições das intuições”, e é exatamente neste processo que consiste sua utilidade, como aponta Bachelard. Pois, a partir desta “destruição”, o pensamento científico encontra suas próprias leis (BACHELARD apud BOURDIEU *et al.*, 2000, p.175-176).

de concorrência, pois essa existe na relação de reconhecimento, cultural, concedido pelos pares que são “clientes privilegiados e concorrentes” (BOURDIEU, 1982, p. 105), simultaneamente.

Considerando que os diferentes campos possuem lógicas diferentes, outra grande distinção entre os mesmos é que o campo de produção erudita produz essencialmente para os seus próprios produtores e exclui os demais, isto é, sua constituição “é correlata ao processo de fechamento em si mesmo” (BOURDIEU, 1982, p.105-106). Em outras palavras, o membro do grupo erudito não apenas produz para um público, mas para um público de pares que são seus concorrentes - e dependem não só da sua auto-imagem, mas da imagem que seus pares têm de si (BOURDIEU, 1982, p.108). Os resultados da produção são reflexos do próprio campo, pois o investigador não promove um novo conhecimento sem considerar seus contemporâneos e, principalmente, seus antecessores (BOURDIEU, 1982, p.102).

Aprofundando o conceito de campo científico de Bourdieu veremos que, como em qualquer outro campo social, há relações de forças, lutas e estratégias, interesses e lucros – trata-se de um espaço de jogo cujo fim é o monopólio, ou o reconhecimento, da “autoridade ou competência científica” (BOURDIEU, 1976, p.89). Para Bourdieu o foco não é a discussão do que seja ciência, mas a discussão em torno dos mecanismos que definem os interesses e as autoridades científicas (BOURDIEU, 1976, p.91). O autor reforça que, tanto no campo científico quanto nas relações de classe, não existem instâncias superiores para designar os critérios de legitimidade, ou seja, são os próprios autores do campo que decidem o que é legítimo ou não e, nesse caso, “ninguém é bom juiz porque não há juiz que não seja, ao mesmo tempo, juiz e parte interessada” (BOURDIEU, 2012, p.9). O campo científico será sempre um campo de lutas entre desiguais – “desigualmente dotados de capital específico e, portanto, desigualmente capazes de se apropriarem do produto do trabalho científico”. Tal fator torna a ideia de uma ciência neutra pura ficção (BOURDIEU, 1976, p.96-101).

Esse campo – a ciência – toma como fundamento a crença coletiva em seus próprios fundamentos, frutos do próprio campo que os produz e supõe (BOURDIEU, 1976, p.99). Cabe então analisar o grau de arbitrariedade que esse campo produz, que é a condição *sine qua non* de sua existência: o campo científico se distingue dos demais pela sua autonomia, produzida pela ideia de que estão aquém da sociedade e atuam de forma totalmente independente dessa última, construindo arbitrariamente um saber inacessível ao profano (BOURDIEU, 1976, p.100). A autonomia é a condição necessária para a instituição de um campo e, no caso do campo científico, a autonomia consiste na produção de dado

conhecimento de forma endógena, porém tomando para si o monopólio de certas práticas, reflexões e modo de perceber as realidades.

Bourdieu desdobra suas reflexões em relação ao campo dito científico onde destaca que um fenômeno oposto à inovação tem ocorrido na maioria das disciplinas científicas: “os progressos na consagração fazem-se acompanhar pelo abandono dos trabalhos empíricos em favor das sínteses teóricas, muito mais prestigiosas” (BOURDIEU, 1982, p.165). Assim um movimento importante para determinar as leis de funcionamento de um campo científico é identificar os fatores estruturais, como a posição de cada disciplina em uma hierarquia do campo científico (BOURDIEU, 1982, p.167) e analisar, de forma crítica, o que o autor denomina de “retórica de cientificidade” (BOURDIEU, 1976, p.103).

Ao considerar um movimento a favor das sínteses teóricas em detrimento da construção de novos objetos de investigação, Bourdieu reflete sobre a citação de autores que servem como referências prévias. Sobre esta relação entre produzir um novo objeto com o que se tem dito a respeito ou correlacionado, em dado sistema de pensamento, afirma que não se pode apenas reduzir a pesquisa a uma “citatologia” (BOURDIEU, 1982, p.170) - e faz o convite para que os antecessores sejam “interlocutores privilegiados” (BOURDIEU, 1982, p.170) na investigação. Como dito antes, só é possível produzir um novo conhecimento no âmbito de “esquemas de pensamento”, pensando apenas “[...] neles e através deles, espécie de adversários íntimos capazes de comandar seu pensamento impondo-lhe terreno e objeto do conflito” (BOURDIEU, 1976, p.170).

Não se pode, portanto, refletir sobre conceitos de documentação museológica e documentação em museus sem considerar as orientações bourdianas apresentadas acima: 1) construir um objeto de pesquisa que deve ser submetido a uma investigação sistemática, incluindo as relações que o compõem; 2) é imprescindível considerar o ambiente em que essa investigação é produzida, ou seja, o sistema de pensamento que propicia os meios, as discussões e seus predecessores que são fundamentais para a pesquisa; 3) trata-se de um conhecimento, assim como ocorre nos campos eruditos, produzidos por e para pares, de forma endógena; e 4) é preciso estabelecer um equilíbrio entre o uso das contribuições anteriores com a produção de um novo conhecimento, para não correr o risco de cair no vício da “citatologia” (BOURDIEU, 1982, p.170).

Nesse universo a Linguagem de Especialidade - ou linguagem profissional - não é apenas um dos resultados desse movimento, mas assume um caráter protagonista nas definições das fronteiras e dos integrantes de um campo. Segundo Lima, a linguagem,

associada aos agentes individuais e institucionais, é instrumento de legitimação de um campo (2008, p.182) e “do ‘capital cultural’ da área” (COSTA; LIMA, 2013). Ainda,

A Linguagem de Especialidade, comunicação específica ao modo de um sistema codificado, empresta sentido e valor às inter-relações e produtos do campo. Diz respeito ao procedimento informacional/comunicacional dos membros das comunidades especializadas. Faz-se expressa, em particular, no contexto da comunicação científica, representando a produção do domínio do conhecimento. Pela consistência no manejo da fraseologia entre os pares, ou seja, sem apresentar ambiguidades para reconhecimento dos sentidos (definições) atribuídos aos termos, revela o processo de consolidação científica alcançado pela área ao longo do tempo (LIMA, 2012, p.32).

O uso de uma terminologia específica é um dos pontos que permite estabelecer diferenças entre a língua comum e a linguagem especializada (CABRÉ, 2013). A distinção entre língua comum e linguagem ou língua de especialidade é explicada por Gil (GIL, 2003). Língua comum é o conjunto de “regras, unidades e restrições” conhecidas e utilizadas pela maioria dos falantes de uma língua natural (GIL, 2003, p.128). Já linguagem de especialidade é uma espécie de subcódigo linguístico com características especiais que o distinguem da língua comum em função de fatores como a temática, o tipo de interlocutores e a situação comunicativa. Uma linguagem de especialidade não é exógena a um sistema total de dada língua – ou a uma língua comum - mas é um subsistema que, como tal, recorre ao “material lexical, sintático e semântico que a língua disponibiliza”, mesmo que de forma parcial (GIL, 2003, p.115).

No âmbito das linguagens de especialidade, são incluídas: as chamadas “línguas científicas” – campos de experiência que possuem objeto e métodos de investigação próprios; “línguas técnicas” – campos de experiência, práticos, de aplicação de conhecimentos teóricos; e “línguas profissionais” ou “de ofícios” - abrangem campos de ocupação e atuação de profissionais, de caráter “técnico ou mecânico” (baseada em GALISSON e COSTE 1983, apud GIL 2003, p.116)<sup>150</sup>. Essas unidades terminológicas, portanto, estabelecerão entre si um conjunto de relações e também construirão determinados termos desconhecidos da maioria da “comunidade linguística” (GIL, 2003, p.117). No entanto, assim como uma língua comum, uma linguagem de especialidade também se constitui pela alteridade e intersubjetividade – não é imutável e se constrói constantemente.

As linguagens de especialidade exploram determinados “mecanismos de lexicogênese”, isto é, elementos prefixais e sufixais com significados semânticos

---

<sup>150</sup> É importante frisar que as classes apresentadas por Gil foram apresentadas primeiramente por Descamps.

compartilhados na língua comum de origem – tem-se, assim, como exemplo o sufixo “logia” (GIL, 2003, p.123). Diferenciando “léxico” de “vocabulário”, o primeiro compreende “o conjunto virtual de palavras” de determinada língua e o segundo compreende o “conjunto de unidades lexicais” de um “domínio particular” (GIL, 2003, p.123). Uma linguagem de especialidade, ou ainda, um vocabulário científico e/ou técnico, seria um “conjunto de unidades lexicais” “utilizadas por um grupo sociocultural e profissional constituindo, portanto, uma ‘amostragem’ do léxico, concretizado no discurso” (GUILBERT, 1983, apud GIL, 2003, p.123).

O presente trabalho se debruçou sobre a fundamentação teórica aqui brevemente delineada para refletir, conforme apontaremos adiante, sobre os termos documentação museológica e documentação em museus, no âmbito da configuração de um campo denominado Museologia, considerando a importância de conceitos e termos produzidos especificamente para esse campo. Apesar de se levar em conta que certos termos estão ligados e/ou são frutos de possíveis argumentações teóricas – tais como ecomuseu, museal, musealidade – o conflito<sup>151</sup> linguístico entre o que poderia ser documentação museológica e documentação em museus pode ser clarificado a partir da própria concepção do que venha a ser Museologia e do que, efetivamente, se refere a esta enquanto campo do conhecimento, apresentada nas discussões desse trabalho.

### **3 DOCUMENTAÇÃO MUSEOLÓGICA OU DOCUMENTAÇÃO EM MUSEUS: REFLEXOS DA ‘CONFUSÃO’ SOBRE OS FUNDAMENTOS E CARACTERIZAÇÃO DA MUSEOLOGIA**

Na introdução do pequeno livro “Conceitos chaves da Museologia” (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2010, 87p), Mairesse e Desvallées chamam a atenção para o fato de que o Comitê Internacional de Museologia – ICOFOM, do ICOM, desde seus primórdios, tem se debruçado sobre questões que são essenciais para o entendimento do conceito de Museu e para a própria consolidação do campo da Museologia. E é neste contexto chamado ICOFOM que teóricos do campo da Museologia criaram, em 1993, um projeto permanente de pesquisa denominado Termos e Conceitos da Museologia, que teve desdobramentos em diferentes países e desenvolveu-se em diferentes línguas, com interessantes resultados. Voltado para o aprofundamento desses trabalhos, um grupo de teóricos desenhou o projeto que resultou no livro mencionado e no Dicionário Enciclopédico de Museologia, editado em 2011 pelo

---

<sup>151</sup> Esse conflito pode ser verificado em grande parte das obras que mencionam o termo ‘documentação museológica’ quando se refere à ‘documentação em museus’, conforme discussão que segue no item a seguir.

ICOM. Trata-se de uma obra de terminologia específica para a Museologia pois, segundo Gil, terminologia significa “o conjunto dos termos que formam o vocabulário de uma língua de especificidade” (2003, p.127).

Ainda no âmbito do mesmo comitê, outro recorte foi feito para a elaboração desse exaustivo trabalho: os responsáveis pela sua elaboração eram de origem francófona. Apesar de outras justificativas - referentes às possíveis confusões idiomáticas de significado dos termos, às habilidades desses autores com outros idiomas, ao francês ser um dos idiomas oficiais do ICOM, entre outras, a principal razão baseia-se no fato de que há uma corrente específica de pensamento que orienta esses autores. Ainda que se trate de uma organização de pensamento que de nenhuma forma se propõe a ser conclusiva e definitiva, sabe-se e é amplamente aceito que nos países de língua anglo-saxônica prevalece a nomenclatura do campo dos museus como *Museum Studies*, enquanto na corrente francófona (também presente nos demais países latinos e no Leste Europeu) o termo usado é Museologia.

Tal diferença influencia fortemente a forma de ver e analisar o campo. O uso do termo logia parece impulsionar um modo de organizar conhecimento que passa pela lógica (ou pelo pensamento organizado de forma científica), muito comum nos outros campos científicos; e que visa um objeto específico de estudo, que por sua vez também poderia estar na constituição do termo – o vocábulo museo. O termo *museum studies*, ou estudos sobre museus, pode abranger teorias sobre o conceito de museu, mas também tudo o que se relaciona à prática nesse universo específico. Para os autores da corrente Museologia, baseados em seus antecessores, essa divisão se dá da seguinte forma: “O questionamento crítico e teórico do campo museal é a museologia, enquanto que o seu aspecto prático é designado como museografia” (MAIRESSE; DESVALLÉES, 2010, p.20).

Seguindo uma estrutura linear, a discussão desenvolvida no presente trabalho permeará, primeiramente, o conceito de documentação; em seguida serão apresentados, baseados nas referências bibliográficas acima expostas, diferentes conceitos de documentação museológica e documentação em museus, muito utilizados como sinônimos.

Conforme Benchimol e Pinheiro, baseadas em um dicionário especializado, “documento” significa “título ou diploma que serve de prova; declaração escrita para servir de prova” (CUNHA, 2007, apud BENCHIMOL; PINHEIRO, 2009, p.2439). O termo, de origem latina, tem como significado primeiro “ensinar, mostrar, informar” (CUNHA, 2007, apud BENCHIMOL; PINHEIRO, 2009, p.2439). Benchimol e Pinheiro também recorreram a Paul Otlet, um dos primeiros especialistas em Documentação, cuja definição de documento:

[...] compreende não somente o livro, manuscrito ou impresso, mas revistas, jornais e reproduções gráficas de todas as espécies, desenhos, gravuras, cartas, esquemas, diagramas, fotografias, etc. A documentação, no sentido amplo do termo compreende: livros, elementos que servem para indicar ou reproduzir um pensamento, considerado sob qualquer forma (OTLET, 1934, p. 9, apud BENCHIMOL; PINHEIRO, 2009, p.2440).

Em um período de consolidação da Ciência da Informação e de formação da Museologia como campo do conhecimento (segunda metade do século XX), começou a delinear-se uma documentação específica para os museus. Segundo Ferrez, em decorrência do papel primordial que a documentação exerce (ou deveria exercer) nos museus, sua importância tem sido amplamente reconhecida, de forma gradual, em paralelo com a própria consolidação da Museologia (FERREZ, 1994, p.65). A definição usada por Ferrez de uma documentação específica para museus é recorrentemente citada, não podendo estar ausente nessas discussões:

A documentação de acervos museológicos é o conjunto de informações sobre cada um dos seus itens e, por conseguinte, a representação destes por meio da palavra e da imagem (fotografia). Ao mesmo tempo, é um sistema de recuperação de informação capaz de transformar, como anteriormente visto, as coleções dos museus de fontes de informações em fontes de pesquisa científica ou em instrumentos de transmissão de conhecimento (FERREZ, 1994, p.65).

Ainda afirma: “[Museus] como veículos de informação, têm na conservação e na documentação as bases para se transformar em fontes para a pesquisa científica e para a comunicação que, por sua vez, geram e disseminam novas informações” (FERREZ, 1994, p.65). Lima também usa os termos “documentação aplicada às coleções museológicas”, e “documentação em museus” (do inglês *Museum Documentation*) (LIMA, 2008, p.8), também denominada “Documentação Museológica (Sistema de Indexação e Recuperação da Informação)” (LIMA, 2007, p.9). Para Ferrez, trata-se de uma atividade essencialmente prática que não é um fim em si mesma mas um instrumento (FERREZ, 1994, p.69), e que deve ser realizada em parceria com outros campos do conhecimento, mas privilegiando uma “abordagem museológica” (específica do campo), no ambiente museu (FERREZ, 1994, p.72).

A Documentação Museológica nas “muitas atividades: processo de entrada e registro, documentação legal, catalogação, controle de movimento [gerenciamento de acervo] e mais...”, (KIELGAST, HUBBARD, 1997, p. 274) compreende: a elaboração da informação voltada ao conhecimento do acervo (objeto / exemplar / espécime/território e, também, o registro da manifestação cultural intangível); o seu manejo à disseminação dos conhecimentos que lhes são pertinentes, em ambiente interno e externo ao museu, em qualquer circunstância pela qual passam as coleções agregando informação à sua existência museológica (LIMA, 2008, p.8).

O campo do conhecimento que reivindica e legitima a documentação enquanto objeto de análise – dentre outros - é a já citada Ciência da Informação com quem, portanto, teóricos na Museologia dialogam para entender e delinear a especificidade documentação em museus.

A existência da prática conjunta entre os campos da Museologia e da Ciência da Informação (não estaria, aqui, mais um sinal para encaminhar ao cruzamento de fronteiras, às interações interdisciplinares?) ensejou o grupo de documentalistas de museu, “museum documentalists” (LIMA, 1995, p. 134), especialistas que participam, em especial, da disciplina denominada (no Brasil) de Documentação [Informação] Museológica, (Museum Documentation). Responsável pelo processamento do acervo museológico, envolve conhecimentos específicos dos domínios da Museologia, da natureza/Área do Conhecimento da Coleção em questão e, também, da Informação. Nesse grupo verifica-se a identidade comunidade híbrida, detentora de interlinguagens, delineando a figura do agente social das práticas interdisciplinares processadas no universo do conhecimento e percebidas nos contextos museológicos (LIMA, 2008, p.8).

A maior especificidade para a documentação em museus, no entanto, seria fazer parte do processo de musealização, como aponta Van Mensch (1992) - processo esse específico do campo da Museologia, como um de seus objetos de estudo. E mais: não só faz parte como assume um papel preponderante no processo. Segundo Desvallées e Mairesse, o processo de musealização está além da mera transferência de objetos para o museu: “como processo científico, compreende necessariamente o conjunto das atividades do museu: um trabalho de preservação (seleção, aquisição, gestão, conservação), de pesquisa (e, portanto, de catalogação) e de comunicação (por meio da exposição, das publicações, etc.)” (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2010, p.50).

Baseado em Stránský, Van Mensch reforça que o processo de musealização introduz métodos científicos relativos ao objeto (1992). O objeto, ao passar por este processo, torna-se “documento”, “uma fonte de conhecimento”, para Van Mensch, ou *Musealia*, para Stránský, adquirindo uma “relação documental” quanto adentra em uma nova realidade artificial (museu) (STRÁNSKÝ 1974, p. 35, apud VAN MENSCH, 1992)<sup>152</sup>. Mesmo que o processo de musealização envolva a perda de dados, parte desses dados perdidos seria compensada pela documentação (VAN MENSCH, 1992). Van Mensch também afirma: “A este respeito Stránský fala sobre o grau de documentariedade da coisa, que é ‘diretamente proporcional ao

---

<sup>152</sup> "[...] a thing acquires a documentary relation to the reality only when it is purposefully selected from original existential relations of the reality and put into new, artificial documentary relations".

grau de acordo informacional entre o fenômeno (que está documentado) e o (objeto preservado como) documento” (STRÁNSKÝ 1973, p. 36, apud VAN MENSCH, 1992) <sup>153</sup>.

Segundo Lima (2008, p.6), o CIDOC seria o “órgão responsável pelo debate das questões da informação em museus ou museológica”, instância essa formalizada institucionalmente e em nível internacional, na forma de um fórum técnico e permanente, reunindo associados (ICOM, 2008, p.6). Conforme esse próprio Comitê, “A documentação é essencial para todos os aspectos das atividades dos museus” (ICOM, 2013) <sup>154</sup> e sua principal função é dar suporte aos museus para desenvolvimento nas atividades de documentação.

Para Gregorová, seria vago e impreciso pensar a Museologia somente por meio das práticas dos museus, ou melhor, “o museu como tal não pode formar o sujeito da Museologia” (1980, p.20). Assim, apresenta sua já conhecida definição:

Museologia é a ciência que estuda a relação específica entre o homem e a realidade, que consiste em colecionar e conservar intencional e sistematicamente objetos inanimados, materiais, móveis e principalmente tridimensionais que por sua vez documentam o desenvolvimento da natureza e da sociedade e humanidade através do uso científico e cultural-educacional destes <sup>155</sup> (1980, p.20, tradução nossa).

Assim, Gregorová define Museologia como uma nova disciplina científica que ainda está sendo constituída, cujo “sujeito é o estudo das relações específicas entre o homem e a realidade em todos os contextos em que foram e ainda são manifestados concretamente” (1980, p.19). Assim, é possível pensar museu como uma instituição onde a específica relação acima descrita “é naturalmente aplicada e realizada” (GREGOROVÁ, 1980, p. 20).

Para se estudar Museologia como disciplina, é importante delinear termos que são considerados como sinônimos ou substitutos para ela, conforme afirma Nestupný. Por muito tempo museografia tem sido apresentada como o que agora se refere à Museologia mas, de acordo com a própria etimologia do termo, deveria apenas referir-se aos relatos descritivos do trabalho de museus. Assim, grande parte da literatura sobre museus “é museográfica neste sentido” (NESTUPNÝ, 1980, p.28): “[...] museografia é a soma de todo trabalho que não é de

---

<sup>153</sup> “In this respect Stránský speaks about the degree of documentarity of a thing, which is ‘direct proportional to the degree of informational agreement between the phenomenon (that is documented) and the (preserved object as) document’”.

<sup>154</sup> “Documentation is essential to all aspects of a museums activities. Collections without adequate documentation are not true ‘museum’”.

<sup>155</sup> “Museology is a science studying the specific relation of man to reality, consisting in purposeful and systematic collecting and conservation of selected inanimate, material, mobile, and mainly three-dimensional objects documenting the development of nature and society and making a thorough scientific and cultural-educational use of them”.

caráter criativo mas que projeta cada criatividade, trabalhos exploratórios no âmbito das atividades práticas de museus” (NESTUPNÝ, 1980, p.28).

Segundo Desvallées (1980, p.17) para se pensar num campo dos museus se faz necessário considerar duas questões: haveria uma experiência específica de museu? Como as atividades de museus se enquadram dentro das múltiplas atividades humanas? Para esse autor seria todo o processo de organização das coleções, catalogação e exposições para as comunidades como a experiência específica dos museus.

A Museologia possui características, em meio a este cenário, de teoria, mas não de ciência, conforme aponta Stránský. Mas esse mesmo autor reflete que se trata de um cenário reversível, pois mesmo a Museologia sendo “uma área específica da atividade intelectual humana, com algumas características da teoria pura”, possui “tendências a separar-se desta teoria e constituir uma disciplina científica” (STRÁNSKÝ, 2008, p.103).

Mesmo considerando toda a fragilidade do campo em tornar-se ciência, Stránský chega à definição de Museologia como “uma área de um campo específico de estudo, centrada no fenômeno Museu” (STRÁNSKÝ, 2008, p.105).

Outro ponto importante que clarifica a confusão terminológica aqui discutida foi dito por Stránský. Segundo ele, “A teoria museológica e a museologia têm sua própria história, diferindo grandemente da história dos museus” (2008, p.104, grifo nosso). Segundo Stránský, a partir da literatura museológica, podemos concluir que essa depende inteiramente dos museus, onde há muitas reivindicações para o estabelecimento de uma teoria que oriente as práticas nos museus. Assim, a Museologia aparenta ter nascido diretamente dos museus, ou melhor, de seus trabalhos práticos. No entanto, esse autor questiona essa prerrogativa.

Stránský também percebe que tais afirmativas têm levado a uma má interpretação de suas ideias, como se tentasse afastar o Museu da Museologia. O Museu, para ele, é um meio, e não um fim, como uma das formas materializadas desta específica relação humana com a realidade (1987, p.289). E finaliza: “A teoria museológica, isto é, a ciência, museológica, tem o direito de existência e de um futuro desenvolvimento mas apenas enquanto atender as necessidades e requisitos concretos da sociedade presente” (2008, p.104). A Museologia por sua vez foi criada sucessivamente, primeiro vinculada aos objetos e coleções para, em meados do século XX, ser separada da museografia e posteriormente tornar-se uma disciplina científica que trata, por exemplo, da musealidade dos objetos, em um processo muito dinâmico, como Maroevic e Stránský pontuam.

Stránský tinha uma ambição: de que para uma efetiva contribuição teórica da Museologia não bastariam apenas opiniões e pontos de vistas individuais sobre o assunto, mas

sim um sistema de conhecimentos fruto de um “amplo esforço profissional” (2008, p.101). Stránský aponta um caminho: se faz necessário “permitir o tempo necessário para a criação de uma base de publicações” (STRÁNSKÝ, 2008, p.101). Esse autor também pontua a existência de diferentes termos que referem-se ao mesmo fenômeno, o Museu: Museografia, Teoria Museológica, Museística. Mas grande parte desses termos está ligada apenas a prática, unindo teoria e prática em torno do mesmo objeto. Ainda, grande parte dos trabalhos que são enquadrados em Teoria Museológica é dedicada a uma historiografia dos museus ou de experiências individuais de museus, que em alguns casos tem a pretensão de alcançar um “nível de generalização e classificação empíricas” (STRÁNSKÝ, 2008, p.103).

E é nesta linha de pensamento introduzida por Stránský que segue esse trabalho. É possível encontrar trabalhos que abordam uma história ou origem da Museologia a tem associado à própria história e origem do Museu, que nada mais é que um anacronismo<sup>156</sup>. São poucos os campos do conhecimento que possuem histórias milenares (ou seriam práticas que hoje são atribuídas a esses?), mas não é o caso museológico (e aqui cabe o termo – referente à Museologia, como explicaremos, logo adiante). Nesse sentido, a Museologia não teria surgido na Grécia Antiga ou em qualquer outro passado forçadamente imaginado e ainda acompanhando a evolução (no sentido antropológico) do termo Museu, ou mesmo muito próximos a sua real origem. A origem da Museologia, por sua vez, seria muito recente. Ela surge quando para alguém, em dado momento, é colocada uma questão, um objeto e, mais

---

<sup>156</sup> É interessante destacar que, em 1987, Vinos Sofka inicia seu editorial com a seguinte questão “*The chicken or the egg?*” (“O ovo ou a galinha?”, tradução nossa), sendo óbvio que a questão se referia à Museologia e ao Museu. Ainda, lançou as seguintes questões “*The chicken or the egg – museology or museums, what was first? [...] What is museology – the chicken or the egg? And which of them is the museum?*” (“O ovo ou a galinha? – museologia ou o museu, o que veio primeiro? [...] O que é museologia – a galinha ou o ovo? E qual deles é o museu?”, tradução nossa). Pergunta a sua audiência se a origem da Museologia não seria nas primeiras coleções na Babilônia (1987, p.7), defendendo que seu núcleo existe há muito tempo e que ela foi descoberta, e não criada, posteriormente, no âmbito da “ciência da museologia” (ibidem, p.7-8). Scheiner aponta o que orienta essa analogia (1987): “if we consider Museology as a complex of practices related to museum – and therefore as an instrument of organization and maintenance (sic) of museums, we may say that Museology is contemporary to the first museum.” (“Se considerarmos Museologia como um complexo de práticas relativas a museu – e portanto como um instrumento de organização e manutenção de museus, nós podemos dizer que Museologia é contemporânea ao primeiro museu”, p.258). A analogia com certas práticas associadas a museus se repete, porém apontando distintas origens. Até o próprio Stránský, também na discussão de 1987, aponta a existência de um pensamento museológico intrinsecamente ligado à prática de museus (p. 287-288). Petr Suler, do mesmo país de Stránský e nesse emblemático ano (1987), fez tal analogia. É possível encontrar, ainda nos dias de hoje, autores que fazem essa analogia, como Araújo (2012), publicado na Revista Museologia e Patrimônio, do PPG-PMUS.

ainda, a reivindicação de um campo de conhecimento específico para disputar com outros campos e criar um espaço próprio, com suas próprias regras e termos.

Outro fator relevante a destacar é que não se trata de definições isoladas que constituem o *corpus* teórico de um campo (ou seja, esta ou aquela corrente que defende uma ideia ou conceito de Museu), mas sim o conjunto de teorias ou noções observáveis do fenômeno Museu e suas possíveis nomenclaturas dos teóricos que constituem a Museologia, se essa se pretende debruçar por algo específico. Considerando tal afirmativa, nesse exercício específico não é necessário definir Museu para estudar a formação e compreensão da Museologia, pois essa possui um conjunto de diferentes interpretações ligadas ao fenômeno social Museu.

Segundo o livro “Conceitos Chaves da Museologia”, (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2010, 87p) o termo museológico é derivado do termo Museologia, enquanto que, em relação ao termo Museu, é apenas correlato. Conforme apontamos anteriormente, o sufixo logia remete na atualidade a um exercício conjunto de pensamento que procura ser científico – e mais: específico, delimitado. A partir das inferências acima expostas, que justificam uma separação da Museologia de uma e apenas uma visão de Museu, documentação museológica seria a documentação que abarca as contribuições sobre o campo da Museologia, neste caso considerando o termo museológico referente à Museologia, e não a museus. Faz-se, portanto, necessário um mapeamento dessa documentação museológica.

Assim, documentação em museus seria o processo de documentação aplicado aos museus, conforme já apontado pelos autores aqui citados e que está detalhado sob outra perspectiva, que se apresenta de forma complementar, nas considerações finais.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS – DOCUMENTAÇÃO DA E SOBRE MUSEOLOGIA**

A partir do entendimento que a Museologia tem trajetória, fundamentos e características distintas de seu objeto de estudo (independente da percepção que se tenha desse), é possível diferenciar documentação museológica de documentação em museus. No entanto, alguns poderiam inferir que o termo museológico se refere ao Museu também. Assim, há outra forma de se entender essa diferenciação, orientados por Pinheiro e Lima.

Pinheiro apresenta o conceito de Informação em Arte como “o estudo da representação do conteúdo informacional de objetos de Arte, a partir de sua análise e interpretação. Nesse sentido, a obra de arte é fonte de informação” (PINHEIRO, 2008, p.10). Esse campo, por sua vez, abrange os documentos da Arte e os documentos sobre a Arte. A diferenciação entre ambos é: se os objetos da Arte são fonte de informação, ou documento (VAN MENSCH,

1992), logo esses seriam também documentos da Arte, que inclui, portanto, a produção artística; documentação sobre arte, segundo Pinheiro, seria “os bibliográficos, primários e secundários, desde o livro, o artigo de periódico, até as bibliografias, estados da arte e outros suportes e, hoje, museus na Web e museus virtuais” (PINHEIRO, 2008, p.10). Segundo Lima, também seriam documentação sobre a arte “as fontes reconhecidas como referências para seu estudo”, fundamentalmente voltadas para o campo da Arte em si (2000, p.18).

Assim, na perspectiva que inclui o objeto no campo de estudo que o reivindica, quem ainda insistir no uso do termo documentação museológica poderia recorrer à expressão documentação em Museologia para se referir a essa especialidade oriunda da documentação aplicada aos museus. Porém documentação sobre Museologia seria claramente as fontes que são reconhecidas para o estudo desse campo do conhecimento em formação.

É importante frisar, como considerações finais desses breves apontamentos, mais que reivindicar um espaço no campo ao delinear um termo/conceito específico, esse movimento consolida o próprio campo quando essa Linguagem de Especialidade passa a ser usada ou, no mínimo, conhecida e considerada pelos seus pares. Mas a consolidação de um termo ou conceito é algo que dispense certo tempo que poucos estão dispostos a tolerar. No caso aqui apresentado, a confusão terminológica documentação museológica e documentação em museus se dá pela fusão que muitos fazem de Museologia e museu, confusão essa que pode ser encontrada em grande parte dos textos que definem Museologia.

Para uma coerente análise da Museologia, faz-se necessário distanciar-se de uma definição específica de Museu ou de qualquer outra teoria que busca delimitar um objeto de estudo para esse campo como verdade absoluta. Analisar a Museologia requer considerar todos os delineamentos teóricos que podem configurar um denominador comum e tentar, em um esforço ousado mas possível, observar a construção de um conjunto que reivindica um espaço entre campos de conhecimento.

## REFERÊNCIAS

- BENCHIMOL, A.; PINHEIRO, L. V. R. Objeto etnográfico como documento e informação. In: ENANCIB 2009 - ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (10), 2009, João Pessoa. **Anais X ENANCIB 2009, GT 9 - Museu, Patrimônio e Informação**. João Pessoa: ANCIB, PPGCI-UFPB, 2009. p.2436-2450. 1 CD ROM.
- BOURDIEU, P.; CHAMBOREDON, J-C.; PASSERON, J-C. A construção do objeto e O racionalismo aplicado. In: **A profissão do sociólogo**. Preliminares epistemológicas. Petrópolis: Editora Vozes, 2000, p.45-97.

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1982. p. 79-181.

BOURDIEU, Pierre. **Le champ scientifique**. Actes de la Recherche en Sciences Sociales, n. 2/3, jun. 1976, p. 88-104. Disponível em: <  
[http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/arss\\_0335-5322\\_1976\\_num\\_2\\_2\\_3454](http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/arss_0335-5322_1976_num_2_2_3454)>. Acesso em: 26 jul. 2014.

BOURDIEU, Pierre. **O Campo Científico**. Disponível em: <  
[http://uainformatica.net/luciana/campo\\_cientifico\\_bourdieu.pdf](http://uainformatica.net/luciana/campo_cientifico_bourdieu.pdf)>. Acesso em: 24 out. 2012.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. 322 p.

BRAGA, Maria do Rosário de Assumpção. **Relações entre arte e ciência em museus de ciência**. 2004. Dissertação (Mestrado em História das Ciências) - Pós-Graduação em História das Ciências da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2004.

CABRÉ, Maria Teresa. **La terminología**. Teoría, metodología, aplicaciones. Barcelona: Editorial Antártida/Empuries, 1993.

COSTA, Ludmila L. Madeira da.; Diana Farjalla Correia Lima. Termo/Conceito Museólogo: identificando e definindo sua atuação em coleções de artistas plásticos contemporâneos. In: ENANCIB 2013 - Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (14), 2013. Florianópolis, **Anais XIV ENANCIB 2013, GT 9 – Museu, Patrimônio e Informação**. Florianópolis: ANCIB. UFSC, 2013.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François (Ed.). **Conceptos claves de Museología**. Paris: Armand Colin, 2010. 87p.

DESVALLÉES, André. [untitled]. **MuWoP: Museological Working Papers = DoTraM: Documents de Travail en Muséologie**. Museology – Science or just practical museum work, Stockholm, ICOM, International Committee for Museology/ICOFOM/Museum of National Antiquities, v. 1, p.17-18, 1980.

FERREZ, Helena D. Documentação museológica: teoria para uma boa prática. In: IPHAN. **Estudos Museológicos**. Rio de Janeiro: IPHAN, 1994. p. 65-74 (Cadernos de Ensaios 2).

ICOM. CIDOC. Who we are. Disponível em: <  
<http://network.icom.museum/cidoc/home/who-we-are/>>. Acesso em: 12 dez. 2013.

GIL, Isabela Teresa Morais. Algumas considerações sobre línguas de especialidade e seus processos lexicogênicos. **Máthesis**, v. 12, 2003, p. 113-130.

GREGOROVÁ, A. [untitled]. **MuWoP: Museological Working Papers = DoTraM: Documents de Travail en Muséologie**. Museology – Science or just practical museum work, Stockholm, ICOM, International Committee for Museology/ICOFOM/Museum of National Antiquities, v. 1, p.19-21, 1980.

LIMA, D. F. C. Acervos Artísticos e Informação: modelo estrutural para pesquisas em Artes Plásticas. In: PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro; GONZÁLEZ de GÓMEZ, Maria Nélida. (org.) **Interdiscursos da Ciência da Informação: Arte, Museu e Imagem**. Rio de Janeiro: IBICT, 2000. p.17-39.

LIMA, D. F. C. Atributos simbólicos do patrimônio: museologia/“patrimoniologia” e informação em contexto da linguagem de especialidade. In: ENANCIB 2010 - ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (11), 2010, Rio de Janeiro. **Anais XI ENANCIB 2010, GT 9** – Museu, Patrimônio e Informação. Rio de Janeiro: ANCIB, PPGCI-IBICT/UFRJ, 2010. n. p. 1 CD ROM.

LIMA, D. F. C. Ciência da Informação e Museologia em tempo de conhecimento fronteiriço: aplicação ou interdisciplinaridade? In: ENANCIB 2008 - ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (9), 2008, Rio de Janeiro. **Anais IX ENANCIB, 2008, GT 1** – Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação. Rio de Janeiro: ANCIB, PPGCI ECA/USP, 2008. n. p. 1 CD ROM.

LIMA, D. F. C. **Ciência da Informação, Museologia e Fertilização Interdisciplinar:** Informação em Arte, um novo campo do saber. 2003. 346 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003. Orientadora: Lena Vania Ribeiro Pinheiro.

LIMA, D. F. C. Museologia e patrimônio interdisciplinar do campo: história de um desenho (inter)ativo. In: ENANCIB 2007- ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (8), 2007, Salvador. **Anais VIII ENANCIB 2007, GT-** Debates sobre Museologia e Patrimônio. Salvador: ANCIB; PPGCI-UFBA, 2007. n. p.

LIMA, D. F. C. Museologia-Museu e Patrimônio, Patrimonialização e Musealização: ambiência de comunhão. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi.** Ciências Humanas – Museologia e Patrimônio, Belém, MPEG. v. 7, n. 1, p. 31-50, jan/abr. 2012.

NEUSTUPNÝ, J. Museology as an academic discipline. **MuWoP: Museological Working Papers = DoTraM: Documents de Travail en Muséologie.** Museology – Science or just practical museum work, Stockholm, ICOM, International Committee for Museology/ICOFOM/Museum of National Antiquities, v. 1, p.28-29, 1980.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. Horizontes da informação em museus. In: GRANATO, M., SANTOS, C. P., LOUREIRO, M. L. N.M. (orgs). **Documentação em Museus.** Rio de Janeiro: MAST, 2008. p.81-102 (MAST Colloquia, v. 10).

SCHEINER, T. Museology and museums – a relationship to build. In: SYMPOSIUM MUSEOLOGY AND MUSEUMS. **ISS: ICOFOM STUDY SERIES,** Helsinki-Espoo, ICOM, International Committee for Museology/ICOFOM, n. 12, p.251-259, Sept. 1987.

SOFKA, V. The chicken or the egg? In: SYMPOSIUM MUSEOLOGY AND MUSEUMS. **ISS: ICOFOM STUDY SERIES,** Helsinki-Espoo, ICOM, International Committee for Museology/ICOFOM, n. 12, p.13-15, Sept. 1987.

STRÁNSKÝ, Z.Z. Sobre o tema “Museologia – ciência ou apenas trabalho prático?” (1980). **Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio** – PPG-PMUS Unirio/MAST, vol. 1, no 1, jul/dez de 2008, p.101-105. Trad. Tereza Scheiner.

SCHEINER, T. In: SYMPOSIUM MUSEOLOGY AND MUSEUMS. **ISS: ICOFOM STUDY SERIES,** Helsinki-Espoo, ICOM, International Committee for Museology/ICOFOM, n. 12, p.287-292, Sept. 1987.

VAN MENSCH, Peter. **Towards a Methodology of Museology.** 1992. Tese de PHD. Universidade de Zágreb, Zágreb, 1992.